


**EDITORIAL****Saúde planetária: reconfigurações**

Planetary health: reconfigurations

Salud planetaria: reconfiguraciones

Thereza Christina Bahia Coelho 

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil

O mês de julho, deste ano de 2023, trouxe a maior média global de temperatura já registrada, acompanhada de eventos climáticos extremos, como incêndios na Grécia, Portugal, Minas Gerais, e enchentes na China, dentre outros. O aumento da frequência e intensidade de tais eventos que ameaçam a vida no planeta aciona sirenes e desafia governantes, que agora começam a levar um pouco mais sério as advertências que os cientistas já vêm fazendo há décadas.

No campo da saúde, as armadilhas da determinação social vêm sendo denunciadas também há muito tempo, de maneira a acirrar o desconforto e a falta de liberdade que a “flecha do tempo” nos oferece. A alegoria da flecha para expressar o movimento unidirecional do tempo é muito antiga e está expressa, na filosofia grega, por uma das aporias de Zenão de Eléia, mais especificamente, a da flecha e do arqueiro, que parte do pressuposto de que o tempo é dividido em instantes. Dado que, em cada instante, a flecha só poderia ocupar um ponto no espaço delimitado por suas medidas, a flecha seria, portanto, imóvel naquele instante¹. Para Aristóteles, Zenão teria sido o criador da dialética e seus argumentos visavam defender Parmênides de críticos da escola do movimento, da multiplicidade e da descontinuidade².

A unidirecionalidade do tempo virou objeto de interesse teórico dos físicos, no início do século XX, e foi teorizado em termos de estabilidade e instabilidade dos sistemas, indeterminismo, assimetria do tempo e irreversibilidade, rompendo com a visão clássica do dogmatismo e da neutralidade científica³.

Ainda que não se possa deter o movimento do conhecimento, inclusive com suas circularidades, é preciso, estar atento àquilo que Bourdieu⁴ chamou de pré-noção e às dificuldades de se efetuar rupturas com o senso comum.

O fenômeno da “reação” climática, termo que quero opor à ideia de que alteração sem causa e sem direção afeita aos defensores do progresso e da “inventividade” livre dos homens, reforça o conceito de determinação social da saúde, não apenas humana, mas dos seres orgânicos e inorgânicos

Correspondência

Thereza Christina Bahia Coelho
Biblioteca Central Julieta Carteado
Portal de Periódicos Eletrônicos
Revista de Saúde Coletiva da UEFS
Av. Transnordestina, s/nº, Novo Horizonte
CEP 44036-900, Feira de Santana-BA, Brasil.
E-mail: revistasaudecoletiva@uefs.br

Como citar

Coelho TCB. Saúde planetária: reconfigurações. *Rev. Saúde Col. UEFS* 2023; 13(1): e1012.



também, caso das montanhas e dos rios. Defendo aqui, que o conceito de determinação social não necessita estar atrelado a uma perspectiva “determinista positivista”, apesar das circunstâncias históricas da sua elaboração, exatamente pela sua qualidade de complexidade⁵. Tudo que é complexo tende para a indeterminação numa proporção inversa à estruturalidade das relações que mantém próximos ou estabilizados os elementos que o com-formam. Visto que até o caos possui certa estrutura, não é muito fácil abrir mão desse conceito, sem que isto implique uma adesão à metafísica das essências, em vista do que advogo a preservação da ideia-força das “relações”, tão cara ao materialismo histórico.

Dito de outra maneira, o fato de as estruturas sociais terem se tornado mais complexas não implica em negação da estrutura, pelo contrário, apenas dificulta a sede humana de prever acontecimentos e se antecipar a eles. Dificulta o controle e aumenta, paradoxalmente, as chances de aposta nos cassinos financeiros, conhecidos com o pomposo nome de Bolsa de Valores, para aqueles que dispõem de mais informações e mecanismos sofisticados de cálculos de chances e de tendências, estatisticamente falando. Não conhecer a determinação dos eventos sujeita o pesquisador a buscar soluções no imaginário, ou seja, no conhecimento pré-científico presente em figuras explicativas como o “destino”, a “cultura”, ou mesmo o “social”, que são personificações fantasmáticas do estruturado, numa totalidade a-histórica muito próxima daquela proposta pelos hegelianos. Social, por exemplo, é uma ideia que caminha das cidades-estado, em oposição ao campo, para as sociedades (universalização) e a cidadania (qualidade sustentada por sociedades/Estado). Não compreender as dinâmicas da determinação, ou sobredeterminação, como preferiria Almeida-Filho⁶, tanto de ordem macro, quando micro, com todas suas ordens de estratificação do poder, pode também conduzir o pesquisador a entrincheiramentos no passado mitificado, ou na onipotência.

Se não há mais dúvida sobre a determinação da ação humana sobre o clima, essa causalidade se mantém diluída, tornando as florestas intocadas um capital a ser negociado para não quedar invadido e depredado, mais do que tem sido, de modo que as dúvidas sobre a capacidade gerencial desta crise se mantêm, assim como o pessimismo dos cenários possíveis.

Sem pernas para tantos desafios, a Saúde Coletiva acena para os poderes da Vigilância Ambiental na previsibilidade das ocorrências, mas não lhe fornece os meios para melhores desempenhos, de tal forma que restam aos pesquisadores a tarefa de continuar registrando e alertando, registrando e alertando casos e casos, que são “meras” consequências das agressões aos biomas. Nessa perspectiva, o número 1 do Volume 13 aborda, em um dos artigos publicados⁷, o perfil epidemiológico de arboviroses (Dengue, Zika e Chikungunya) nas duas macrorregiões de saúde mais

populosas do estado da Bahia, a Leste e Centro-Leste. Os autores alertam para o incremento alarmante de arboviroses, no Brasil, que alcançou, em 2022, o maior registro de óbitos por Dengue, até então, com 986 mortes. Para Reis et al.⁷, não há dúvida sobre o impacto das “diferenças socioeconômicas” em situações de crises sanitárias. Diferenças que não são, obviamente, aleatórias, mas obedecem a uma complexa determinação cada vez mais agravada pelo modo de produção capitalista. Considerando-se o estudo de Victa⁸, é tranquilo pressupor subnotificação, ao passo em que se acentua a ocorrência desses eventos em duas regiões com clima muito diversos: a Leste, composta por municípios do litoral com grande ocorrência de chuvas e o Centro-Leste, cujo clima preponderante é o semiárido. Ou seja, haja chuva, haja sol, o mosquito prolifera, porque se adapta.

O incremento de ocorrências aponta para as interações homem-meio que degradam a terra, as águas, o ar e parece seguir um determinismo que as palições não dão conta. Pelo contrário, atingem inclementes as populações mais vulneráveis de acordo com a idade, a presença ou ausência de saneamento, a renda familiar, a educação, mas também levando em conta condições específicas dos serviços ofertados, como no caso da COVID-19, em referência à existência de respiradores⁹.

Com relação, especificamente à idade, os idosos formam o grupo populacional mais atingido pela sindemia, agravada pela longa ocupação hospitalar. A despeito das enormes adversidades, idosos entre 60 e 104 anos, de um hospital em Sergipe, em sua maioria, de baixa renda, pouca escolaridade e oriundos da zona rural, apresentaram bom desempenho funcional e autopercepção, entre 2020 e 2021, sendo que aproximadamente 25% dos idosos da pesquisa vieram a óbito ao fim da internação. Para tentar explicar os processos inerentes aos resultados encontrados, os autores recorrem ao Modelo da Ocupação Humana, que auxilia na investigação das relações entre ocupações de espaço e interações ambientais¹⁰.

De outro lado, é evidenciado o peso laboral representado pelas precárias condições de trabalho enfrentadas pelos sujeitos do campo da saúde, agravadas pelo COVID-19, e as consequências advindas, para sua saúde mental, sem falar das mortes e sequelas permanentes¹¹. Infelizmente, a recorrência dos trabalhos sobre a saúde dos trabalhadores de saúde não têm gerado mudanças significativas nessas mesmas condições, exatamente porque a precarização do trabalho decorre de estruturas mais abrangentes da relação modo de produção-trabalho e das necessidades insaciáveis e irrefreáveis de autorreprodução do capital, restando ao trabalhador ter que lidar com as derivações do sofrimento psíquico, individuais e coletivas, algumas que resultam em soluções desesperadas, como o suicídio¹².

Diante de problemas tão graves como a morte, o luto, a dor, as ações de vigilância na Atenção Primária parecem de pouca importância, como todas as ações que buscam

se antecipar aos problemas, ao invés de lidar com as consequências. Por isso, a mudança de modelo de cuidado é tão difícil de se fazer acontecer e exige perseverança.

Uma experiência realizada por residentes em Saúde da Família, sobre o Gerenciamento de Resíduos de Serviço de Saúde para pessoas em uso de insulina, em população adstrita à uma Unidade de Saúde da Família do interior da Bahia, enfatiza a importância de referenciais como a Educação Popular em Saúde (EPS) para lidar com a produção de lixo humano, ao passo em que colabora com a prevenção de acidentes com perfurocortantes e a destinação adequada de resíduos. Temos, portanto, uma articulação entre educação em saúde, vigilância ambiental e do trabalhador, numa perspectiva de prevenção e proteção¹³.

Outro importante exemplo, tanto da dificuldade de transformação dos paradigmas, quando da força que uma política bem elaborada pode ter, diz respeito à saúde bucal, no Brasil, que tem sido capaz de, por cima de tantas dificuldades, restaurar o sorriso brasileiro.

Em estudo^{14,2} realizado com 1.522 estudantes de uma escola pública de Salvador, Bahia, beneficiados com o Programa Saúde na Escola, no controle e prevenção da cárie dentária constatou impacto positivo das ações realizadas no período de 2016 a 2019. As intervenções realizadas foram capazes de reduzir a prevalência de cárie e de biofilme ao longo dos anos. Daí a importância de se desenvolver sistemas de prevenção em saúde bucal, aqui entendidos como “processos sociais que combinam diferentes ações programáticas periódicas de caráter preventivo e educativo, a fim de controlar e/ou reduzir o nível de doenças bucais que afetam uma dada população”.

Outro problema trazido aqui para debate, refere-se à associação positiva entre presença de hábitos que se constituem como risco para a má oclusão, tais como: sucção digital, uso de chupeta convencional ou ortodôntica, e, também, da mamadeira. Os achados do estudo de Gomes et al.¹⁵ reforçam as orientações já encontradas na literatura e chamam à atenção para a persistência do uso destes objetos em nosso meio. Ou seja, programas de saúde bucal voltados para os escolares devem ser prioritários, pois melhora, a qualidade de vida de crianças e adolescentes¹⁶.

Fechando o ciclo de trabalhos publicados nesse número 1, do volume 13, o estudo de Silva Martins et al.¹⁷ sobre gravidez não planejada identifica problemas persistentes nas ações de pré-natal como o baixo índice de consulta de pós-parto e contracepção tardia, por falta de orientação das equipes de saúde.

A saúde de grupos populacionais é uma forte linha de pesquisa, tanto no nosso Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UEFS, quanto em outras instituições de ensino. Neste editorial, busquei articular os trabalhos publicados numa linha de produção que abarca os vários momentos vitais das populações sob o cuidado, principalmente, mas não exclusivamente, do Sistema Único de Saúde,

em tempos recentes. Nesse processo, a seta do tempo faz um movimento inverso (*après coup*), de capturar o passado sob o olhar do presente, atribuindo significação invariavelmente enviesada, porque *a posteriori*.

O movimento vai da degradação ambiental e as consequências que atravessam populações humanas e não humanas, transformando a convivência entre seres vivos em patologias e sofrimento, mas que também produzem resiliência e trabalho intenso de grupos ocupacionais inteiros no sentido de entender, questionar, prever, cuidar, educar, reverter. É um trabalho sobretudo de ampliação de consciência visando o determinado e o indeterminado numa perspectiva de sociabilidade saudável e atenta.

“A influência das noções comuns é tão forte que todas as técnicas de objetivação devem ser utilizadas para realizar efetivamente uma ruptura que, na maior parte das vezes, é mais professada do que concretizada”^{4:24}.

REFERÊNCIAS

1. Abbagnano N. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes; 2000.
2. Chauí M. Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Companhia das Letras; 2002.
3. Neusa Teresinha Massoni. Ilya Prigogine: uma contribuição à filosofia da ciência. Rev. Bras. Ensino Fís. 2008; 30(2):e2308.
4. Bourdieu P, Chamboredon JC, Passeron JC. A profissão do sociólogo: preliminares epistemológicas. Petrópolis: Vozes; 1999.
5. Minayo MCS. Determinação social, não! Por quê? Cad. Saúde Pública 2021; 37(12):e00010721.
6. Almeida-Filho N. Maia além da determinação social: sobredeterminação, sim! Cad. Saúde Pública 2021; 37(12):e00237521.
7. Reis BPA, Oliveira Santos JBL, Silva JSS, Silva NCS, Carvalho VT, Oliveira TR, Suto CSS. Análise do perfil epidemiológico de arbovírus por Núcleo Regional de Saúde na Bahia, 2017-2021. Saúde Col. UEFS 2023; 13(1):e9150.
8. Victa AGLB. Relação entre dados do dengue nos sistemas de informação em saúde. [Tese Doutorado – Universidade Estadual de Feira de Santana]. Feira de Santana: UEFS; 2013.
9. Foladori-Invernizzi S, Mesquita Filho W. Determinantes socioeconômicos e o índice de mortalidade decorrente da COVID-19 no Brasil. Rev. Saúde Col. UEFS 2023; 13(1):e9178.
10. Andrade JA, Duque AM. Participação e desempenho de idosos atendidos em um hospital. Rev. Saúde Col. UEFS 2023; 13(1):e8329.

11. Dias EG, Bardaquim VA, Robazzi MLCC. Ocorrências no mundo do trabalho decorrentes da pandemia do Coronavírus 2019. *Rev. Saúde Col. UEFS* 2023; 13(1):e-7887.
12. Assaiante MFM. Nem covarde, nem herói, por Luciana Rocha. *Rev. Saúde Col. UEFS* 2023; 13(1):e9059.
13. Santos CMB, Araujo ITC, Araújo BO. Educação popular em saúde para o gerenciamento de resíduos da insulino terapia em uma Unidade de Saúde da Família. *Rev. Saúde Col. UEFS* 2023; 13(1):e-7858.
14. Silva RCQ, Almeida TF, Lima JLL, Cabral BBS, Cangussu MCT. Análise do impacto das ações de saúde bucal do Programa Saúde na escola em uma escola pública de Salvador, Bahia. *Rev. Saúde Col. UEFS* 2023; 13(1):e8410.
15. Gomes RCS, Cabral MBBS, Cangussu MCT, Almeida TF, Carvalho AA. Prevalência de má oclusão em pré-escolares e fatores associados. *Rev. Saúde Col. UEFS* 2023; 13(1):e-8383.
16. Alves NE, Lima JLL, Cabral MBBS, Vianna MIP, Cangussu MCT, Almeida TF. Programas de saúde bucal para escolares: uma revisão integrativa. *Rev. Saúde Col. UEFS* 2023; 13(1):e-7722.
17. Silva Martins MRL, Gama da Cunha NVM, Santos MC, Borges da Silva FL, Bispo EMP, Fraga CDS, Almeida dos Santos KK, Andrade MS. Planejamento reprodutivo no pós-parto entre mulheres atendidas na Atenção Básica. *Rev. Saúde Col. UEFS* 2023; 13(1):e-8532.